

A FUNCIONALIDADE DA CLASSIFICAÇÃO DOS TIPOS DE PREDICADOS PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA: UM ESTUDO PILOTO

Tiago de Souza Pires (Autor)

Sabrina Pereira de Abreu¹ (Orientadora)

Resumo: Esta pesquisa faz uma análise da classificação dos tipos de predicados segundo a NGB e de como essa classificação é compreendida por alunos de um curso de especialização em gramática, especialmente focado nos predicados que contêm verbos de ligação. Para isso, foi feita uma análise de cinco gramáticas e de dois livros didáticos para compreender como o assunto é abordado e se há discrepâncias entre os conceitos apresentados pelos autores. Logo em seguida, foi elaborada uma pesquisa piloto que objetivou mensurar a compreensão dessa classificação por estudantes de um curso de especialização em gramática. Como conclusão do estudo, apresenta-se algumas considerações a respeito dos resultados da pesquisa e propõe-se caminhos para uma abordagem mais coerente no ensino desse assunto.

Palavras chave: Predicação, NGB, Classificação dos predicados, verbo de ligação.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste artigo, apresentarei uma análise de como é entendido pelos docentes de Língua Portuguesa e como é entendida em sala de aula a duvidosa classificação dos tipos de predicados, de acordo com a gramática tradicional e com livros didáticos, norteados pela Nomenclatura Gramatical Brasileira. Existem algumas classificações já consolidadas que passam despercebidas e que costumam causar grandes dúvidas tanto nos alunos quando nos professores de língua portuguesa. Por falta de reflexão sobre o assunto, é possível que muitos docentes se deparem com uma dúvida simples de um aluno e não saibam como lidar com o fenômeno. Isso pode reforçar a ideia de que a gramática da língua portuguesa é um conjunto de regras impostas sem muita coerência algumas vezes. A classificação dos tipos de predicados é um exemplo disso.

¹ Professora da 7ª Edição do curso de Especialização em Gramática e Ensino de Língua Portuguesa - UFRGS

Partindo da minha experiência em sala de aula, percebi que a atual nomenclatura é falha e contraditória ao classificar os tipos de predicados e os verbos representativos de cada um deles. Muitos alunos me questionavam sobre construções sintáticas que não estavam previstas nos livros didáticos nem nas gramáticas. Minhas buscas por respostas para o fenômeno não foram nada satisfatórias porque também não eram nada esclarecedoras. Um assunto esquecido, raramente questionado ou comentado. O presente artigo é resultado dessa insatisfação.

Para pensar neste fenômeno, organizei este artigo da seguinte forma: primeiramente apresentarei o que as gramáticas e os livros didáticos ensinam sobre a classificação dos predicados que apresentam verbos de ligação. Em seguida mostrarei os resultados de uma pesquisa piloto, ou seja, de caráter ainda experimental, feita com estudantes de um curso de especialização em gramática e ensino de Língua Portuguesa a respeito dessas classificações. Depois procurarei elaborar uma reflexão mais aprofundada sobre o fenômeno para, por fim, lançar possibilidades concretas de ações para lidar com essas questões em sala de aula.

1 CLASSIFICAÇÃO DOS TIPOS DE PREDICADOS

Nesta seção apresentarei como é normatizada a classificação dos predicados, segundo a Nomenclatura Gramatical Brasileira. A partir desse documento norteador para o ensino de Língua Portuguesa, analisarei qual é o posicionamento de alguns gramáticos a respeito do assunto, mostrando que tais classificações, embora se aproximem umas das outras, não são consensuais, indicando, assim, que existem reflexões a serem feitas a respeito do assunto para se melhorar o ensino de língua materna.

As reflexões gramaticais consideradas aqui serão as dos seguintes gramáticos: Napoleão Mendes de Almeida (2009), Celso Cunha (2012), Rocha Lima (1992), Evanildo Bechara (2010), e Luiz Antônio Sacconi (2008). Também analisarei dois livros didáticos para mostrar como o aluno tem acesso a explicações adicionais sobre esse conteúdo, um de Ensino Fundamental, de autoria de Hermínio Sargentim (2005) e outro de Ensino Médio, de autoria de Douglas Tufano e Leila Lauer Sarmiento (2006).

1.1 A Nomenclatura Gramatical Brasileira

A Nomenclatura Gramatical Brasileira (doravante NGB) foi uma iniciativa do governo brasileiro que visava padronizar e simplificar a terminologia gramatical no

país, definindo critérios para a didatização do ensino de língua portuguesa. Por meio de uma comissão designada na Portaria Ministerial nº 152/57. Constituem a comissão os seguintes professores: Antenor Nascentes, Clóvis do Rêgo Monteiro, Cândido Jucá (filho), Carlos Henrique da Rocha Lima e Celso Ferreira da Cunha. Cumpre ressaltar que a comissão foi assessorada pelos Professores Antônio José Chediak, Serafim Silva Neto e Sílvio Edmundo Elia. Em 1958, a comissão finalizou e entregou o resultado de seus estudos, a NGB, que é o documento que norteia o ensino de língua portuguesa em todo o território brasileiro até hoje.

A NGB divide os predicados em nominal, verbal e verbo-nominal. Quanto aos predicativos, distingue dois: o predicativo do sujeito e o predicativo do objeto. Em relação à classificação dos verbos, são assim divididos: verbo de ligação, verbo transitivo (direto e indireto) e verbo intransitivo.

Deve-se ter em vista que a NGB procurou, como consta em seu próprio texto, uniformizar a nomenclatura gramatical. Mais do que isso, essa uniformização se deu por meio de uma simplificação da vasta nomenclatura existente à época. Tendo isso em vista, é lógico dizer que ela não dá conta de todas as especificidades dos fenômenos gramaticais da Língua Portuguesa, senão a NGB deveria apresentar um grau de complexidade superior. Portanto, quando algum conceito foge à norma estipulada por essa simplificação, é natural que existam dúvidas e questionamentos, até porque a língua é dinâmica e não se prende a normas estáticas e simplificadas, fazendo com que qualquer fato que fuja à regra seja visto com desconfiança e confusão. Isso tudo reforça uma ideia equivocada entre a população em geral de que a língua portuguesa é um acúmulo de regras e exceções de difícil domínio.

Apesar de tudo, a NGB foi um grande avanço para ordenar as práticas de ensino de língua portuguesa; entretanto, como isso se deu por meio de uma simplificação da nomenclatura, é coerente admitir que ela tenha algumas deficiências e contradições.

Passemos agora à classificação dos tipos de predicados apresentadas por gramáticos que se orientam diretamente pelas prescrições da NGB ou, ao contrário, contestam essa classificação.

1.2 Gramática Metódica da Língua Portuguesa, de Napoleão Mendes de Almeida

Nessa gramática, Napoleão Mendes de Almeida (2009) divide os verbos quanto à predicação, de duas formas: os de predicação completa e os de predicação incompleta:

O verbo é chamado também de predicado, porque atribui, predica uma ação a alguma pessoa ou coisa; pois bem, quando essa ação fica toda no sujeito, diz-se que o verbo é de predicação completa; quando não, ou seja, quando a ação que o verbo exprime exige uma pessoa ou coisa sobre quem recair, diz-se que o verbo é de predicação incompleta. (ALMEIDA, 2009, p. 165).

Ainda segundo o autor, os verbos de ligação estão incluídos no grupo dos verbos de predicação incompleta “com a diferença de ser este constituído de qualidade e não de pessoa ou coisa” (ALMEIDA, 2009, p. 167). São, portanto, verbos transitivos.

Napoleão segue, ao classificar os predicados, a proposta classificatória da NGB, dividindo os predicados em *verbal*, *nominal* e *verbo nominal*. Ele defende que um predicado nominal “é constituído de um verbo de ligação e do seu complemento, complemento este chamado de predicativo” (ALMEIDA, 2009, p. 418). Para o autor, o que determina um predicativo é sua função sintática não o valor semântico do verbo:

Não só de adjetivo pode ser constituído o predicativo, como não só de uma única palavra; a função sintática é que determina se a palavra, ou expressão, ou mesmo oração, ou, ainda mais, um nome seguido de subordinada adjetiva, constitui predicativo. Predicativo é tudo que se declara do sujeito mediante um verbo de ligação. (ALMEIDA, 2009, p. 418)

Napoleão ainda faz uma distinção entre *predicativo* e *predicativo do sujeito*, defendendo que quando um verbo da oração for de ligação, seu complemento será chamado simplesmente de *predicativo*, ao passo que o *predicativo do sujeito* “aparece em orações cujo verbo não é de ligação” (2009, p. 419).

Independente da natureza do predicativo ou a quem ele se refira, ou ainda de um valor semântico particular do dito verbo de ligação, o autor afirma que o verbo de ligação será sempre chamado de *verbo de ligação* e seu complemento será sempre chamado de *predicativo*, independente de sua natureza ou a quem se refira.

1.3 Gramática do português contemporâneo, de Celso Cunha

Bastante didática, essa gramática apresenta definições simples e práticas. Seguindo a NGB, Celso Cunha (2012) divide os predicados em *verbal*, *nominal* e *verbo-nominal*. “O predicado nominal é formado por um verbo de ligação + predicativo do sujeito” (CUNHA, 2012, p. 89). Para ele, “os verbos de ligação servem para estabelecer a união entre duas palavras de carácter nominal. Não trazem propriamente uma ideia nova ao sujeito; funcionam apenas como elo entre este e seu predicativo”.

(CUNHA, 2012, p.89). Ao contrário de Napoleão Mendes de Almeida, Cunha defende que o “*predicativo do sujeito* é o termo do predicado nominal que se refere diretamente ao sujeito” (CUNHA, 2012, p. 90).

Quanto à classificação dos verbos de ligação, Celso Cunha (2012, p. 92-93) faz uma observação interessante, alertando que certos verbos podem ser empregados ora como de ligação, ora como significativos, elenca alguns exemplos. Deles, destaco os que são de interesse do presente trabalho:

Grupo 1	Grupo 2
<i>Estavas pensativa.</i>	<i>Estavas no colégio.</i>
<i>Fiquei assustado.</i>	<i>Fiquei em casa.</i>

Conforme o autor, os exemplos do grupo 1 são verbos de ligação; os do grupo 2, verbos significativos ou nocionais. Embora o autor tenha tido o cuidado de explicitar a diferença de sentido entre os verbos, ele não informa a função sintática dos complementos nem a classificação do verbo para os casos apresentados. Casos como estes tendem a causar confusão justamente por ressaltarem exceções aparentes sem a preocupação de explicá-las.

1.4 Gramática Normativa da Língua Portuguesa, de Rocha Lima

A gramática de Rocha Lima (1992) também apresenta a divisão tradicional, classificando os predicados em *verbal*, *nominal* e *verbo-nominal (ou misto)*. Rocha Lima defende que “o predicado nominal tem por núcleo um nome (substantivo, adjetivo, ou pronome)” (LIMA, 1992, P. 238). Para ele, todas as declarações feitas sobre o sujeito de uma oração que apresenta verbo de ligação contêm-se no predicativo.

Rocha Lima não fala sobre os verbos de ligação que não apresentam predicativo, mas mostra, quando trata dos complementos verbais, uma interessante classificação para verbos cujo complemento é de natureza adverbial. Ele o chama de *complemento circunstancial*, e assim o define: “É um complemento de natureza adverbial – tão indispensável à construção do verbo quanto, em outros casos, os complementos verbais” (LIMA, 1992, p. 252).

Dentre os exemplos apresentados pelo autor, destaco dois:

A guerra durou *cem anos* → Complemento circunstancial sem preposição.

Estar *à janela* → Complemento circunstancial preposicionado.

(LIMA, 1992, p. 252-253)

Vemos, nesses exemplos, que os verbos de ligação seguidos de adjuntos adverbiais são classificados como sendo verbos transitivos que requerem um complemento circunstancial.

Contudo, ainda que seja evidenciado esse tipo de construção sintática adicional, que foge ao prescrito pela NGB, não há menção sobre a classificação sintática dos verbos ou dos predicados nesses casos específicos.

1.5 Gramática Escolar da Língua Portuguesa, de Evanildo Bechara

A gramática Escolar de Evanildo Bechara (2010) não segue a classificação tradicional:

Uma tradição mais recente na gramática portuguesa, incorporada pela NGB, distingue o predicado em *verbal* (quando é constituído por qualquer tipo de verbo, exceto de ligação), *nominal* (quando se trata de verbo de ligação + predicativo) e *verbo-nominal* (quando se trata de verbo que não seja de ligação + predicativo (...)). Não seguimos essa tradição, porque entendemos que toda relação predicativa que se estabelece na oração tem por núcleo um verbo. É esta, por sinal, a lição dos nossos primeiros grandes gramáticos, que não faziam tal distinção, e de notáveis linguistas modernos (BECHARA, 2010, p.41).

Percebe-se que o autor vê o verbo sob uma perspectiva não tão semântica, e sim mais sintática. Por isso, ele utiliza a nomenclatura *predicado simples* ou *incomplexo* para verbos que não necessitam de complemento e *predicado complexo* para verbos que necessitam de um termo complementar para delimitá-lo (BECHARA, 2010, p. 28).

A respeito do predicativo, Bechara declara o seguinte:

(...) outro tipo de complemento verbal é o *predicativo*, que delimita a natureza semântico-sintática de um número reduzido de verbos: *ser*, *estar*, *ficar*, *parecer*, *permanecer* e mais alguns, conhecidos como *verbos de ligação*. Às vezes vem introduzido por preposição. (BECHARA, 2010, p. 39)

O autor diz ainda que ele pode ser expresso por um *substantivo*, *adjetivo*, *pronome*, *numeral* ou *advérbio*. (BECHARA, 2010, p. 39). Como Bechara não faz distinção entre os tipos de predicados, opta por chamar os complementos dos verbos de ligação simplesmente de *predicativo*: “(...) pode a predicação com predicativo ser referida a um sujeito (...) ou não” (BECHARA, 2010, p. 39):

O aluno é estudioso. - (sujeito: *o aluno*).

É noite. - (oração sem sujeito).

No segundo exemplo, não há sujeito; a oração é constituída só pelo predicado, no qual *noite* funciona como predicativo (BECHARA, 2010, p. 39-40).

Essa concepção de classificação apresentada por Bechara deve-se ao fato de que o verbo é analisado sempre de um ponto de visto morfossintático:

A tradicional distinção entre duas subclasses em *verbos nocionais* e *verbos relacionais*, que está na base da distinção de *predicado verbal* e *predicado nominal*, tem sido posta em questionamento por notáveis linguistas modernos. Esta distinção é válida em relação ao aspecto semântico, mas não no que se refere à sintaxe; o núcleo da oração é sempre o verbo, ainda que se trate de um verbo de significado léxico muito amplo e vago, como o verbo *ser*. O verbo *ser* e o reduzido grupo de verbos que integram a constituição do chamado predicado nominal em nada diferem dos outros verbos: todos possuem “os morfemas de pessoa e número que com o sujeito gramatical dão fundamento à oração”. (BECHARA, 2010. pág. 192).

1.6 Nossa Gramática Completa, de Luiz Antônio Sacconi

Essa gramática é dirigida a cursos de revisão para vestibular e preparação para concursos públicos. Desta forma, segue o sistema classificatório proposto pela NGB. Nessa perspectiva, divide os predicados em *verbal*, *nominal* e *verbo-nominal*, ilustrando cada um dos casos com exemplos previsíveis.

Porém, ao final do capítulo há um adendo com algumas dúvidas que são esclarecidas a respeito do assunto apresentado em cada capítulo. No capítulo que trata da classificação dos predicados, transcrevo algumas das observações apresentadas, aquelas que são de interesse deste trabalho:

1) Nas orações do tipo *São duas horas*, a NGB manda que analisemos a expressão em destaque como **predicativo do sujeito**. Mas nesse caso, a oração **não tem** sujeito! Por isso, preferimos ver tal função como **predicativo neutro**.

(...)

3) Considera-se como predicativo o termo adverbial que se encontra ligado ao sujeito mediante verbos de ligação:

A vida é assim mesmo.

Estamos mal de finanças

É longe sua chácara?

O vestido ficou bem em você.

Na verdade, porém, tais verbos se situam numa faixa intermediária: entre os de ligação e os nocionais.

4) Toda locução que indicar estado do sujeito implica a existência de um predicado nominal e, conseqüentemente, de um predicativo. Ex.:
Ifigênia está *de pé*.

Estou *sem sono*.

É *de esperar* novo elenco de medidas por parte do governo.

(...)

6) Existem certos verbos intransitivos que, não raro, aparecem modificados por adjuntos e dão a impressão de ser transitivos indiretos, porque também vêm acompanhados de preposição. Tais verbos aceitam, numa frase interrogativa, o advérbio onde, o mesmo não ocorrendo com verbos transitivos indiretos. Ex.:

Luísa está em Piraçununga. = Luísa está onde?

Neusa foi a Moji das Cruzes. = Neusa foi onde?

Filipe chegou agora de Lajes. = Filipe chegou agora de onde?

(...)

8) Os verbos não possuem classificação fixa; podem ora ser transitivos, ora intransitivos, ora de ligação. Ex.:

Ercília está doente. (está = VL)

Ercília está no quarto. (está = VI)

(...)

(SACCONI, 2008, p. 370-371)

Conforme podemos perceber, essa gramática tem a coragem de tentar enfrentar o problema e abordar dúvidas quanto à classificação dos predicados com verbos de ligação; contudo, suas explicações não são tão claras ou precisas.

1.7 Livros didáticos: Sargentim (2002) e Sarmiento e Tufano (2004)

Com relação aos livros didáticos aqui analisados, a saber, *Palavras*, de Hermínio Sargentim, e *Português*, de Leila Lauer Sarmiento e Douglas Tufano, o primeiro utilizado no Ensino Fundamental, e o segundo, no Ensino Médio, preferi analisar os dois em apenas uma seção porque eles abordam a questão focalizada neste trabalho quase da mesma forma. Ambos apresentam a divisão tradicional da NGB, classificando os predicados em *verbal*, *nominal* e *verbo nominal*.

Sargentim (2002) apresenta exemplos e conceitos simples, até porque se trata de um livro para o Ensino Fundamental. Já o livro de Sarmiento e Tufano, voltado para o Ensino Médio, registra a seguinte observação após apresentar o predicado nominal:

Atenção: Um verbo pode mudar de transitividade, dependendo de sua função no contexto. Os verbos de ligação nem sempre funcionam como elo entre a qualidade (ou estado) e o sujeito. Nesse caso, não formam predicado nominal; exprimem uma circunstância de tempo, lugar, modo etc., e o predicado é verbal (SARMENTO; TUFANO, 2004. Pág. 269).

Para ilustrar o raciocínio, os autores apresentam os seguintes exemplos:

- (1) Sua voz **estava** rouca. (Verbo de Ligação)
- (2) O julgamento **estava** no fim. (Verbo Intransitivo)
- (3) O público **permaneceu** silencioso. (Verbo de Ligação)
- (4) As mulheres **permaneceram** no cais. (Verbo Intransitivo)
- (SARMENTO; TUFANO, 2004. Pág. 269)

Nas frases (1) e (3) os verbos são classificados como verbos de ligação pela presença do predicativo do sujeito. Já nos exemplos (2) e (4) são classificados como verbos intransitivos, pois não são acompanhados de predicativo, mas sim de adjunto adverbial. Embora observemos, por meio desses exemplos, que os autores reconhecem que o verbo de ligação não aparece sempre necessariamente como elo entre sujeito e predicativo, cabe ressaltar que classificá-lo como verbo intransitivo também não parece adequado, visto que o conceito de intransitividade não deveria se aplicar a eles pelo fato de o verbo não possuir carga semântica suficiente para torná-lo independente de um complemento.

Após a explanação dos pontos de vista dos autores, sintetizo abaixo, contrastivamente, a contribuição de cada um para a descrição dos tipos de predicado:

	<i>Como classificam os predicados?</i>	<i>Como classificam os verbos de ligação que não ligam sujeito a predicativo?</i>
Napoleão Mendes de Almeida (2009)	Verbal, nominal e verbo nominal	O verbo de ligação será sempre chamado de verbo de ligação e seu complemento sempre de predicativo.
Celso Cunha (2012)	Verbal, nominal e verbo nominal	Apenas diz que verbos de ligação (não-nocionais) podem, por vezes, ser empregados como verbos significativos. Porém, ele não diz qual seria a classificação desse verbo nem do seu complemento.
Rocha Lima (1992)	Verbal, nominal e verbo nominal	Não menciona, mas diz que existem complementos de natureza adverbial, indispensáveis à construção do verbo.

		Esse complemento é chamado de complemento circunstancial.
Evanildo Bechara (2010)	Predicado simples (ou incomplexo) e predicado complexo	São considerados verbos de ligação e seu complemento chama-se predicativo.
Luiz Antônio Sacconi (2008)	Verbal, nominal e verbo nominal	São chamados de verbos intransitivos e seu complemento adjunto adverbial.
Hermínio Sargentim (2002)	Verbal, nominal e verbo nominal	Não menciona
Leila Sarmento e Douglas Tufano (2004)	Verbal, nominal e verbo nominal	Classifica o verbo como intransitivo e o complemento como adjunto adverbial.

Quadro 1 – Síntese do ponto de vista dos autores.

Ao analisar o quadro, percebemos que ainda há lacunas a serem preenchidas no que tange à classificação dos predicados de algumas construções sintáticas. Ao percebermos que não há uniformidade de pensamento sobre o assunto entre os autores, ou ainda que a explicação é falha ao abordar o fenômeno, por vezes explicando-o parcialmente, abre-se mais um ponto de reflexão acerca da necessidade de uma revisão da NGB.

Ressalto também que a classificação dos tipos de predicados proposta por cada gramático, especialmente quando as orações apresentam verbos de ligação, resulta da forma como cada um analisa o comportamento do verbo dentro das sentenças. Napoleão Mendes de Almeida adota um critério puramente sintático; Celso Cunha, Rocha Lima, Luiz Antônio Sacconi, Hermínio Sargentim, Douglas Tufano e Leila Sarmento adotam um critério semântico; já Evanildo Bechara adota um critério morfossintático.

Percebe-se, portanto, que a classificação dos tipos de predicados depende dos critérios que são adotados para analisar a funcionalidade do verbo dentro de uma sentença linguística e que esse critério não é o mesmo entre os autores.

2 METODOLOGIA

A fim de verificar se a visão das gramáticas tradicionais e dos livros didáticos examinados na seção anterior acerca da classificação dos tipos de predicados é de fato

compreendida pelos docentes, realizarei uma pesquisa piloto com docentes de Língua Portuguesa e/ou áreas afins, tais como jornalismo e Relações Públicas, com o intuito de realizar um levantamento de dados que visa a mensurar a compreensão desses profissionais acerca da classificação dos predicados. Sabendo que seria inviável coletar informações referentes à realidade do conhecimento desse tipo de profissional de outras regiões do país, o que seria ideal para entender como eles entendem e classificam as sentenças com diferentes tipos de predicados, optei por fazer um recorte dessa realidade elegendo uma turma de pós-graduação *Lato Sensu* na área de Letras, especificamente de estudos gramaticais. Assim, sendo meramente ilustrativa, esta é uma pesquisa piloto, de caráter experimental, que tem como único objetivo delimitar as principais dúvidas desses profissionais a respeito da classificação dos predicados.

2.1 Sujeitos da pesquisa

Os participantes da pesquisa são todos alunos de um Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com idade entre 23 e 61 anos. Dos 26 (vinte e seis) participantes, apenas 2 (dois) não são formados em Letras (um é jornalista e outro é Relações Públicas), mas lidam, assim como todos da turma, com as questões da linguagem no seu dia a dia. Cabe ressaltar ainda que, embora haja um número expressivo de participantes formados em Letras, nem todos lecionam.

A participação de todos neste estudo piloto foi voluntária e, durante a coleta de dados, os participantes foram orientados a não realizar qualquer tipo de consultas em gramáticas ou livros especializados. Também foram orientados a não conversarem entre si. Todos os participantes tiveram igualmente cerca de 40 min. para responder as questões.

2.2 O instrumento de pesquisa

O instrumento de pesquisa foi dividido em duas partes: a primeira parte contém três exercícios com sete questões cada. Todas as questões são objetivas e apresentam três alternativas de respostas. O primeiro exercício apresenta questões típicas de livros didáticos e foi formulado para aferir o conhecimento dos participantes sobre a classificação dos tipos de predicado. Antecedendo esse exercício, foram apresentados três exemplos de frases e a classificação do respectivo predicado apresentado.

A segunda parte é composta de cinco questões dissertativas sobre as experiências em sala de aula e sobre as dúvidas que surgiram durante a realização dos exercícios.

Com base nessas opções, o instrumento de pesquisa ficou constituído da seguinte forma:

Observe as frases abaixo em relação à classificação do predicado.

- 1) José chegou cansado. → [predicado verbo-nominal]
- 2) O espetáculo foi emocionante. → [predicado nominal]
- 3) Prenderam o ladrão. → [predicado verbal]

I. Com base nessa informação, classifique os predicados das frases abaixo:

- 1) Monica é muito simpática.
- 2) Vive-se bem no campo.
- 3) Perdi minha caneta.
- 4) Os excursionistas chegaram cansados.
- 5) Bateram à porta.
- 6) Ana corria exausta.
- 7) Carla está doente.

II. Abaixo, são apresentadas 7 (sete) frases e 3 (três) possibilidades de classificação do predicado. Para cada uma dessas frases, assinale a alternativa que identifica corretamente a do predicado da frase em questão.

- | | |
|------------------------------------|--------------------------------|
| 1. A criança caiu da cadeira | |
| a) Predicado verbal | 3. Todos ficaram no bar. |
| b) Predicado nominal | a) Predicado verbal |
| c) Predicado verbo-nominal | b) Predicado nominal |
| | c) Predicado verbo-nominal |
| 2. Marcelinho pôs o livro na mesa. | |
| a) Predicado verbal | 4. Todos permaneceram na aula. |
| b) Predicado nominal | a) Predicado verbal |
| c) Predicado verbo-nominal | b) Predicado nominal |

- | | |
|----------------------------|------------------------------------|
| c) Predicado verbo-nominal | a) Predicado verbal |
| | b) Predicado nominal |
| 5. A chuva caía na praça. | c) Predicado verbo-nominal |
| a) Predicado verbal | |
| b) Predicado nominal | 7. A pasta estava em cima da mesa. |
| c) Predicado verbo-nominal | a) Predicado verbal |
| | b) Predicado nominal |
| 6. Ela está aqui. | c) Predicado verbo-nominal |

III. Abaixo, são apresentadas as mesmas 7 (sete) frases do exercício anterior. Sua tarefa agora é assinalar a alternativa que apresenta corretamente a classificação do verbo de cada uma das frases.

- | | |
|--|--|
| 1. A criança caiu da cadeira | b) Verbo de ligação |
| a) Verbo transitivo (direto ou indireto) | c) Verbo intransitivo |
| b) Verbo de ligação | 5. A chuva caía na praça. |
| c) Verbo intransitivo | a) Verbo transitivo (direto ou indireto) |
| 2. Marcelinho pôs o livro na mesa. | b) Verbo de ligação |
| a) Verbo transitivo (direto ou indireto) | c) Verbo intransitivo |
| b) Verbo de ligação | 6. Ela está aqui. |
| c) Verbo intransitivo | a) Verbo transitivo (direto ou indireto) |
| 3. Todos ficaram no bar. | b) Verbo de ligação |
| a) Verbo transitivo (direto ou indireto) | c) Verbo intransitivo |
| b) Verbo de ligação | 7. A pasta estava em cima da mesa. |
| c) Verbo intransitivo | a) Verbo transitivo (direto ou indireto) |
| 4. Todos permaneceram na aula. | b) Verbo de ligação |
| a) Verbo transitivo (direto ou indireto) | c) Verbo intransitivo |

IV. *Por favor, responda as questões que seguem:*

1. *Você teve alguma dúvida para classificar os predicados (exercícios I e II)? Se sim, pontualmente qual foi a sua dúvida?*
 2. *Você teve alguma dúvida na classificação do tipo de verbo de cada predicado (exercício III)? Se sim, pontualmente qual foi a sua dúvida?*
 3. *Alguma vez você já foi questionado(a) por seus alunos em relação ao tipo de classificação dos predicados? Se sim, o que você respondeu?*
 4. *Alguma vez você já foi questionado(a) por seus alunos em relação à classificação dos tipos de verbos? Se sim, o que você respondeu?*
 5. *Você concorda com a nomenclatura atual em relação à classificação dos tipos de predicados e dos tipos de verbos, tomando como base as frases constantes nos exercícios anteriores? Por quê?*
-

3 RESULTADOS

3.1 Análise quantitativa

Segue abaixo, tabelados, os resultados do primeiro bloco de exercícios e o percentual de respostas de acordo com as três alternativas propostas. Nos exercícios 1 e 2, o enunciado é o mesmo. O que difere um do outro é que no exercício 1 foram apresentadas orações baseadas nos modelos apresentados em livros didáticos e gramáticas, enquanto no exercício 2 as frases apresentam construções sintáticas diferentes daquelas abordadas pelos livros. Em ambos os exercícios foi solicitado que o participante classificasse o predicado de cada oração em *verbal, nominal* ou *verbo nominal*.

Resultados com relação ao exercício 1:

Questão	Predicado Verbo nominal	Predicado Nominal	Predicado Verbal	Não respondeu
1. Mônica é muito simpática.	3,85%	92,31%	0%	3,85%
2. Vive-se bem no campo.	23,8%	0%	73,08%	3,85%
3. Perdi minha caneta.	3,85%	7,69%	88,46%	0%
4. Os excursionistas chegaram cansados.	92,31%	0%	7,69%	0%
5. Bateram à porta.	3,85%	3,85%	92,31%	0%
6. Ana corria exausta.	84,62%	3,85%	11,54%	0%
7. Carla está doente.	11,54%	84,62%	0%	3,85%

Tabela 1

No exercício 2 foram inseridas orações igualmente simples, porém com construções sintáticas que não são comumente abordadas em livros didáticos ou em gramáticas. Para cada oração, havia a possibilidade de assinalar apenas uma das alternativas que classificasse corretamente o tipo de predicado. As alternativas, igualmente ao exercício anterior eram *verbal*, *nominal* e *verbo nominal*.

Resultados com relação ao exercício 2:

Questão	Predicado Verbal	Predicado Nominal	Predicado verbo nominal	Não respondeu
1. A criança caiu da cadeira.	80,77%	0%	19,23%	0%
2. Marcelinho pôs o livro na mesa.	80,77%	3,85%	15,38%	0%
3. Todos ficaram no bar.	80,77%	15,38%	3,85%	0%
4. Todos permaneceram na aula.	53,85%	34,62%	0%	11,54%
5. A chuva cai na praça.	84,62%	7,69%	7,69%	0%
6. Ela está aqui.	46,15%	42,31%	11,54%	3,85%
7. A pasta estava em cima da mesa.	46,15%	34,62%	11,54%	0%

Tabela 2

O exercício 3 repetiu as mesmas sentenças do exercício anterior, entretanto solicitava que, agora, a análise classificatória recaísse sobre o verbo da oração, possibilitando que o participante optasse por classificá-lo em Transitivo (direto ou indireto), Intransitivo ou de ligação.

Resultados com relação ao exercício 3:

Questão	Verbo transitivo	Verbo de ligação	Verbo intransitivo	Não respondeu
1. A criança caiu da cadeira.	23,08%	0%	80,77%	0%
2. Marcelinho pôs o livro na mesa.	96,15%	0%	3,85%	0%
3. Todos ficaram no bar.	34,62%	30,77%	34,62%	3,85%
4. Todos permaneceram na aula.	23,08%	53,85%	23,09%	0%
5. A chuva cai na praça.	15,38%	0%	84,62%	3,85%
6. Ela está aqui.	15,38%	65,38%	19,23%	0%
7. A pasta estava em cima da mesa.	26,92%	50%	23,08%	0%

Tabela 3

Como se observa nas tabelas 1, 2 e 3, o percentual de respostas distribuiu-se mais nas tabelas 2 e 3, pois são elas que trazem os exemplos não apresentados nas gramáticas ou livros didáticos. Já na tabela 1, os participantes da pesquisa responderam de forma mais homogênea porque os exemplos são os habituais, ou seja, somente aqueles que se enquadram dentro do esquema de classificação previsto pela NGB.

3.2 Análise qualitativa

A segunda parte do instrumento de pesquisa foi elaborada para verificar as dificuldades ou facilidades encontradas pelos participantes da pesquisa piloto para realizar os testes 1, 2 e 3.

A primeira questão perguntava se o participante havia tido alguma dúvida na resolução dos exercícios 1 e 2. Apenas 15,38% responderam que não tiveram dúvidas na resolução das atividades, enquanto 84,62% disseram que houve dificuldades. Dentre as dificuldades

descritas, a maioria se referia às sentenças em que em que o verbo de ligação não liga o sujeito a um predicativo. Observemos, a título de ilustração, três respostas dos participantes:

1. *Sim, quando após os verbos tradicionalmente de ligação estiverem um advérbio.*
2. *Sim. O verbo de ligação deixa de ser de ligação quando não há predicativo? Sendo assim passa a ser VI, mas VI não precisa de complemento.*
3. *Sim, principalmente em relação aos verbos de ligação que não estão exercendo sua função de “ponte” entre o sujeito e seu atributo.*

A segunda questão perguntava se o participante havia tido alguma dificuldade em classificar os verbos do exercício 3. Dentre as respostas, 30,77% responderam que não, e o restante, 69,23%, responderam ter dúvidas. Transcrevo abaixo uma das respostas que sintetizam, de modo geral, o que foi respondido por todos que afirmaram ter dúvidas:

A dúvida foi a mesma da classificação das orações: dificuldade para classificar os verbos na ausência do predicativo.

A questão 3 perguntava se alguma vez o entrevistado já havia sido questionado por alunos quanto a classificação dos predicados, e se sim, o que havia respondido. Muitos dos entrevistados, apesar de serem licenciados em Letras, alegaram estar fora de sala de aula e que, por isso, não têm contato com alunos. Entretanto, aqueles que responderam escreveram que orientam os alunos a buscar o contexto da frase, ou seja, se houver verbo de ligação e não houver predicativo, ele será classificado como verbo intransitivo.

Uma das respostas, contudo, chamou-me a atenção. Transcrevo-a:

Não, porque usei frases fáceis, por isso eles não geram discussões.

Essa resposta é uma síntese do que é apresentado nos livros didáticos ou manuais gramaticais: frases fáceis, que não geram discussões. Sabemos, contudo, que existem outras construções sintáticas simples que geram muitas dúvidas, mas que não são abordadas em livros ou manuais de gramática justamente por fugirem de padrões consagrados e previstos pela NGB.

A questão 4 perguntava se o entrevistado já fora questionado sobre a classificação do verbo. As respostas se mantiveram como na questão anterior. Recorto, mais uma vez, uma interessante resposta:

Sim. Seguia a lógica deles, mas deixava claro que ia de encontro à regra gramatical.

Há, baseando-se nessa resposta, o reconhecimento de que existem dúvidas tanto de alunos quanto de docentes sobre classificações sintáticas não previstas pela NGB e que esses questionamentos são lógicos, mas não previstos na atual nomenclatura.

A questão 5 perguntava se o entrevistado concordava com a nomenclatura atual em relação à classificação dos tipos de predicados, tomando como base os exercícios propostos no instrumento de pesquisa. A maioria respondeu que não concorda com a nomenclatura atual justamente por ela não abordar várias ocorrências de estruturas linguísticas alegando que ela é muito limitada.

3.3 Discussão dos resultados

Como pude perceber através da aplicação do instrumento de pesquisa, a dúvida em relação à classificação dos predicados não é um fato isolado. Essas dúvidas se dão justamente porque as gramáticas e os livros didáticos apresentam sempre exemplos e exercícios enquadrados dentro de um esquema previsível. É como a resposta da questão 3 apresentada por um dos participantes: “usei exemplos fáceis, por isso eles não geram discussões”.

Percebe-se ainda que o problema principal está centrado no fato de se lidar com as manifestações dos verbos de ligação. Os verbos de ligação manifestam-se de diversas formas dentro das orações, mas a NGB e, por consequência, os livros didáticos e manuais gramaticais engessam a classificação prevendo apenas uma construção sintática possível. Construções sintáticas diferentes do que é referido na NGB, como mostrado nas questões dos exercícios 2 e 3 do instrumento de pesquisa piloto, apontam para discordância considerável dos participantes em respostas das mesmas questões.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como a NGB, por ser uma simplificação da nomenclatura gramatical, não dá conta de alguns fatos linguísticos, e, por outro lado, o que é ensinado por muitos gramáticos depende de como cada fato é analisado, é natural que existam dúvidas acerca da classificação dos predicados, em especial predicados que apresentam verbos de ligação.

É ensinado que um verbo de ligação é assim chamado porque ele liga o sujeito a seu predicativo. Entretanto, quando a oração não apresenta predicativo, mais um adjunto adverbial de lugar, por exemplo, a classificação do verbo passa a ser VI (verbo intransitivo). Aí esbarramos em outro problema conceitual: a definição de verbo intransitivo. Se o verbo intransitivo é aquele que possui sentido completo, sem a necessidade de complementos, como podemos dizer que numa frase como “ela está no bar” o verbo “estar” é intransitivo se ele tem a necessidade de ser completado?

Vimos que alguns gramáticos reconhecem a existência de construções não previstas na NGB, mas as explicações eleitas para explicar o fenômeno são procuradas dentro da nomenclatura existente, o que pode causar um conflito conceitual. Na tentativa de simplificar, perdeu-se a ideia de que os verbos não tem um comportamento constante.

Destaco a simplicidade de como Bechara (2010) resolve a questão da classificação sintática dos termos sem inflar a nomenclatura, enxugando-a ainda mais. Essa concepção do gramático expõe os fatos de forma clara e objetiva prevendo de modo bastante abrangente a classificação sintática dos termos em suas diversificadas manifestações. Numa possível revisão da NGB, creio que essa seria a forma mais apropriada para pensar a classificação dos predicados numa perspectiva de ensino, tornando-a mais acessível e simplificada sem perder de vista a complexidade do fenômeno ou colocá-la em dúvida, como fazem alguns gramáticos, buscando explicações dentro da nomenclatura e, por isso, tornando os conceitos contraditórios e confusos.

A complexidade dos fenômenos não é alterada com a mudança da terminologia, entretanto é necessário que ela seja acessível e o menos contraditória possível para um ensino mais adequado. Isso significa dizer que não se exclui de maneira alguma o trabalho que deve ser feito sobre o valor semântico dos verbos. A simplificação proposta por Bechara é apenas classificatória, o que não exclui, entretanto, as inúmeras possibilidades de análise de sentido de um verbo em questão. Vendo sob essa ótica, percebe-se que a questão não é apenas de natureza terminológica, mas, sobretudo, de acessibilidade lógica sobre as estruturas linguísticas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 46ª edição revista, São Paulo: Saraiva, 2009.

BECHARA, Evanildo. **Gramática Escolar da Língua Portuguesa**. 2ª edição, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

CUNHA, Celso; Organização Cilene da Cunha Pereira. **Gramática do português contemporâneo**. 2ª edição de bolso, Rio de Janeiro: Lexikon; Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. **Gramática Normativa da Língua portuguesa**. 31ª edição, Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

SACCONI, Luiz Antônio. **Nossa Gramática Completa**. 29ª edição, São Paulo: Nova Geração, 2008.

SARGENTIM, Hermínio. **Palavras**. 6ª série. 1ª edição. São Paulo: IBEP, 2002.

TUFANO, Douglas; SARMENTO, Leila Lauar. **Português**. 1ª edição, São Paulo: Moderna, 2004.